

Newsletter

Departamento de Gestão e Economia

Caros (as) Colegas,

Remeto a Newsletter n.º 32 (ano letivo 2024/2025), do DGE.

Já aconteceu:

XXIX Conferência de Gestão subordinada ao tema: Leiria e Oeste no Mundo - 27/05/2025, organizada por docentes e estudantes da Licenciatura em Gestão, Mestrado em Controlo de Gestão e Mestrado em Gestão



VIII Jornadas em Finanças Empresariais – 28/05/2025, dinamizada pela coordenação do Mestrado em Finanças Empresariais, em colaboração com o Instituto Politécnico do Cávado e Ave (IPCA), a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) e o Departamento de Gestão da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora



Visita de duas colegas da **Universidade Feevale, Brasil**, da área de Administração, ao DGE e ao CARME - 29/05/2025.



Próximos eventos:

- Aula Aberta (02/06/2025), Título do evento: ["Eu cito. Tu citas. Nós referenciamos" – Normas APA](#), Oradora: Vera Miguel, Horário de realização da comunicação: 10h00- Sala D.S. 1.3, Organizador do evento: Nuno Reis
- Seminários (07/06/2025), Título do evento: [Jornada de Seminários](#), Horário de realização da comunicação: 09h30 – 17h30 – Sala D.S. 0.5, Organizadores do evento: Docentes do Mestrado em Marketing Relacional

Publicações:

Fernandez, **Baptista, N.** and Antão, M. (2025) Transition to a sustainable economy: A scoping review of literature focused on sustainable gastronomy *Journal of Tourism and Development*, 48, 350-390. Doi: [10.34624/rtd.v48i1.36733]10.34624/rtd.v48i1.36733

Gestão florestal colaborativa: participação pública íntegra e legítima – Mais informações: <https://florestas.pt/comentarios/gestao-florestal-colaborativa-participacao-publica-integra-e-legitima/>



Notícias:

OPINIÃO
Globalização e regionalização: processos que se complementam

João Carvalho Santos

A globalização corresponde ao processo de intensificação das interações e interdependências entre países, sociedades e economias, impulsionado pelo avanço das tecnologias de transporte, comunicação e informação. Este fenómeno potencia fluxos intensos de capital, bens, serviços, pessoas e ideias. No entanto, crises recentes – como a pandemia de Covid-19, a guerra na Ucrânia, o genocídio em Gaza e as alterações climáticas – expuseram fragilidades profundas de um sistema excessivamente dependente e interligado, reabindo o debate em torno dos limites e das consequências do modelo globalizado.

Neste contexto, a regionalização ganha uma nova relevância. Longe de ser um retrocesso, representa uma resposta adaptativa e estratégica aos desafios atuais. Regionalizar significa reforçar as dinâmicas locais e territoriais, reorganizar cadeias de produção, promover relações de proximidade e valorizar os recursos endógenos – sejam eles culturais, humanos ou naturais.

Em vez de depender exclusivamente de cadeias produtivas longas e vulneráveis, temos de cada vez mais importante apostar em circuitos curtos de produção e de consumo, que contribuam para a resiliência económica, a coesão social e a sustentabilidade ambiental.

A regionalização permite, assim, reforçar a autonomia e a capacidade de resposta das comunidades face a choques externos, sejam eles económicos, sociais ou ambientais. Importa, porém, sublinhar que a globalização não deve ser descartada. Os seus benefícios são indiscutíveis: a partilha de conhecimento, o acesso a tecnologias inovadoras, o enriquecimento cultural e, idealmente, uma distribuição mais equilibrada da riqueza. O que se impõe é pensar numa globalização mais justa, que respeite as especificidades regionais e promova uma integração que não anule a diversidade, mas que a celebre.

Regiões com instituições sólidas, capital humano qualificado e políticas públicas centradas nas necessidades da maioria têm maiores capacidades de adaptação e de inovação. A valorização dos produtos locais e o investimento na economia de proximidade são caminhos auspiciosos para um desenvolvimento regional com ambição global.

Não se trata, portanto, de escolher entre globalizar ou regionalizar, mas sim de compreender como articular ambas as dimensões de forma coerente e sustentável. O futuro exige, que pensemos globalmente, mas que atuem localmente – reconhecendo que os territórios não são meros espaços geográficos, mas comunidades vivas, com identidade e história própria.

“O futuro exige que pensemos globalmente, mas que atuem localmente”

Professor e investigador
Texto escrito segundo os regras do Novo Acordo Ortográfico de 1990

Jornal de Leiria, 29/05/2025

Segue-nos nas redes sociais:

